



Chrys Chrystello\*

## O que é a Lusofonia - Parte 7 (II)

### 20 anos de colóquios de 2002 - 2022

#### Crise de Ideias - Língua Portuguesa em tempo de crise

Em minha opinião, a crise de Portugal é de ideias, de líderes, de pensadores, aliada ao capitalismo selvagem, neoliberalismo, que desde 1990 tomou conta dos meios de produção globais e manipula os governos do mundo ocidental. O país precisa dos seus «sages» para usar um termo francês, em vez do habitual “pensadores ou filósofos.” Um Conselho de Sábios, para vencer a crise e sair da podridão da partidarite, viciada em cunhas, nepotismo e esquemas de corrupção.

Teríamos de estabelecer consensos alargados e um plano de mudança e ação, a muito longo prazo, e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo. Não devemos deixar que o país se perca na atual insignificância, quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão, a gerações de séculos de Velhos do Restelo que hoje guiam os filhos e netos para uma subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperanças de uma vida melhor. Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou à criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas sobretudo intelectualmente deficientes. A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Bordel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer. Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar Paixões e ventilar frustrações recalçadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras. Um sistema educacional e cultural forte seria a base para partirmos para o futuro em que ainda acreditamos.

Temos exemplos de gente excepcional, a maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro. Alunos que não se contentaram com a mediocridade e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante. É esta exceção que traz esperanças. A minha geração e, antes, a dos nossos patronos, foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis. Havia trabalho, mal pago, e a esperança de que fosse reconhecido pois as promoções eram a pulso na longa escalada. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua. Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e continuávamos a aprender toda a vida. Nada era fácil.

Hoje constata-se que nas últimas décadas tudo se fez para destruir o tecido escolar, com a facilitação a forjar estatísticas, programas para ninguém ficar para trás, a redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias, o esquecimento a que a História foi votada pois os antigos eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia para evitar levar os jovens a pensar e os maus tratos dados à Língua Portuguesa. Uma vasta gama de professores incultos para uma maioria de alunos analfabetos funcionais, incapazes de compreender ou debater o que leem.

Vivemos uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas semelhante à de então. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vas-

tos da língua portuguesa, linguística, literatura, história, também constituímos um grupo heterogéneo unidos no que nos é comum, a língua de todos nós. Não esqueçamos que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico. Os Colóquios são a prova insofismável de que tudo é possível desde que se dê liberdade às pessoas para criarem projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a fala comum: no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua e suas variantes.

Defendemos a identidade, em prol da variada língua comum com todas as variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem. É no nosso seio de oradores e patronos, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embotar a nossa capacidade de realização. A diferença entre países pobres e ricos não é a idade do país. O Egipto, com mais de 5 mil anos é pobre. Canadá, Austrália e Nova Zelândia, há 200 anos nada eram, hoje desenvolvidos e ricos. A diferença não reside nos recursos naturais. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e gado, mas é das maiores economias mundiais, importa matéria-prima e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas quatro meses ao ano e fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, e transformou-se no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e dos países pobres, não há diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos países de origem, são a Força produtiva dos países ricos. Onde está a diferença? No nível de consciência do povo. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, a todos os níveis. Os bens e os serviços são apenas meios. A educação e a cultura ao longo dos anos, deve plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética. Solução: transformar a consciência, a começar na comunidade onde vive o cidadão, politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, de Idosos, etc., tornando-se um microestado. As transformações serão efetuadas nesses microestados, os átomos do organismo nacional, confirma a Física Quântica. Somos como somos, vemos os erros, encolhemos os ombros e nada fazemos! A sociedade, é a causa, e não os políticos, que são o efeito. Só assim mudaremos. Vamos agir!

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713

## Museu Casa do Arcano destaca importância do papel das Confrarias na Igreja

O vereador da Câmara Municipal da Ribeira Grande, José António Garcia, foi o anfitrião da exposição “Confrarias: Guardiões de Riqueza Eclesiástica”, no Museu Casa do Arcano.

Com o objectivo de evidenciar o papel e a importância que as Confrarias assumiram, e que continuam a assumir nos dias de hoje, na salvaguarda do património das igrejas, e tendo em consideração a relação intrínseca do Museu Casa do Arcano ao culto religioso, a exposição dá a conhecer peças do acervo litúrgico da Igreja Matriz

de Nossa Senhora da Estrela, da Ribeira Grande, da Igreja Paroquial de São José, de Ponta Delgada, e da Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo, de Vila Franca do Campo.

A ocasião contou com a participação do Reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Cónego Adriano Borges, que abordou a história das Confrarias, seguindo-se as intervenções do Provedor da Confraria do Santíssimo Sacramento da Paróquia de São José, CJoão Bosco Mota Amaral, e do Provedor da Confraria

do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Matriz de Nossa Senhora da Estrela, C Filomeno Gouveia, sobre a acção e relevância das Confrarias a que presidem, nas respectivas paróquias.

Posteriormente, foi realizada uma visita guiada à mostra, seguindo-se um pequeno momento musical alusivo ao Natal, com cânticos cantados à capela.

A exposição irá estar patente até ao dia 3 de Fevereiro, podendo ser visitada de Segunda a Sexta-feira, das 09h00 às 17h00. Durante a época festiva, o horário será di-

ferenciado, sendo também possível visitar a mesma nos dias 26 de Dezembro, 1, 2, 7 e 8 de Janeiro, das 15h00 às 20h00.

